

MEDEIROS, Marina Milito de. **(Im)Permanências – temporalidades que dançam a praça Sinimbú (Maceió-AL)**. Maceió: Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Faculdade de arquitetura e urbanismo; Doutoranda; Orientadora: Maria Angélica da Silva; Bolsista CAPES. Atriz-bailarina.

RESUMO: O espaço molda o corpo molda o espaço. Não se pode pensar o corpo sem espaço e nem o espaço sem corpo. Que relação o indivíduo estabelece com o espaço cotidianamente? E quando a obra de arte é criada no espaço público, no meio de seu fluxo, invadindo o seu ritmo, em relação com sua arquitetura, que espaços o artista escolhe ocupar? E por quê? O que do espaço afeta o artista e como o move? As vídeodanças “Beijando Dentes” (<https://www.youtube.com/watch?v=rNaj8MVmqTw&t=3s>) e “Location?” (<https://www.youtube.com/watch?v=dWCZ4ozJPbE>) foram elaboradas a partir de diferentes estímulos, porém, ambas foram realizadas na Praça Sinimbú (Maceió-AL) e em seu entorno. Este trabalho busca entender de que maneira se deu a relação entre os artistas e o espaço nessas duas obras. E o que essa relação pode revelar, tanto das obras quanto de seu cenário-arquitetura-paisagem-fluxocotidiano. Como o espaço move o corpo move o espaço? O trabalho foi desenvolvido através de pesquisa prática e teórica, apoiando-se em autores como Flusser, Simmel, Morin e Dultra. As vídeodanças foram desenvolvidas em disciplinas ministradas pela autora no Curso de Licenciatura em Dança da UFAL (2017). A praça Sinimbú e o seu entorno são apresentados sob a perspectiva da relação poética e desvendados como espaços de resistência artística da cidade de Maceió-AL.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo, espaço, arte, resistência.

(Im) Permanencies - temporalities that dance the Sinimbú square (Maceió-AL)

ABSTRACT: The space shapes the body shapes the space. We can't think the body without space and neither the space without the body. What relationship does the individual establish with space every day? And when the art work is created in the public space, in the middle of its flow, invading its rhythm, in relation to its architecture, which spaces does the artist choose to occupy? And why? What in space affects the artist and how does it move him? The videodances "Beijando dentes" (<https://www.youtube.com/watch?v=rNaj8MVmqTw&t=3s>) and "Location?" (<https://www.youtube.com/watch?v=dWCZ4ozJPbE>) were produced from different stimuli, however, both were performed in the Sinimbú square (Maceió-AL) and its surroundings. This paper seeks to understand how the relation between artists and space has taken place in these two works. And what this relation can reveal about the works and its scenery-architecture-landscape-dailyflux. How does the space move the body moves the space? This work was developed through practical and theoretical research, supported by authors such as Flusser, Simmel, Morin and Dultra. The videodances were developed in disciplines taught by the author in the UFAL Dance Graduation Course (2017). The Sinimbú square and its surroundings are presented under the perspective of a poetic relation and unveiled as spaces of artistic resistance in Maceió-AL.

KEYWORDS: Body, space, art, resistance

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

“As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos”

Ítalo Calvino

Corpoespaço

O espaço molda o corpo molda o espaço. O espaço fala, relaciona, é. Significa. Suas linhas se expressam e imprimem marcas nos corpos que o habitam. Escrever – gesto penetrante que entra na superfície (FLUSSER, 2014), assim, o espaço escreve o corpo que escreve o espaço. Penetra, crava, modela sua superfície. Não se pode pensar o corpo sem espaço e nem o espaço sem corpo. Ambos existem por si só? Pode ser... Mas é apenas na relação que se pode observá-los, descobri-los, entendê-los.

Que relação o indivíduo estabelece com o espaço cotidianamente? O espaço é “apenas” um suporte para suas atividades ou suas atividades são definidas pelo espaço que o circunda? Ou, o espaço molda o homem que molda o espaço? Seria possível separar corpo e espaço? Segundo Morin, não se pode separar sujeito e objeto, uma vez que é na relação que a vida acontece (MORIN, 2005) – o corpo está no espaço está no corpo. Quando o indivíduo se relaciona com um espaço está, de alguma forma, se relacionando com todos os corpos que já habitaram e moldaram aquele espaço. E, acima de tudo, se relacionando com memórias, uma vez que, segundo Brito, as configurações urbanas podem ser pensadas como memórias espacializadas dos corpos que as experimentaram (BRITTO, 2010). O espaço tem história, como um organismo vivo, sempre a se afetar e transmutar, acumulando diversas camadas temporais. Ao passar dos anos vai mostrando sua personalidade, com seus trejeitos únicos, suas curvas e retas, seus cantos e (des)encantos. O espaço é.

Quem não conhece a praça Sinimbú em Maceió? - Muitos. Quem conhece a praça Sinimbú em Maceió? - Muitos. E cada uma das pessoas que já foi a essa praça poderá contar uma diferente história sobre a mesma, cada uma terá uma memória única em relação a esse espaço. Cada um é afetado de maneira diferente pela relação com a praça. Segundo estudiosos do espaço a praça Sinimbú é um patrimônio cultural urbano e mantém “Permanências do ideário modernista em equipamentos da praça e edificações do entorno: em urgência de preservação”

(FERRARE, 2008, p.11). Segundo Ferrare, apesar do atual estado de degradação desses equipamentos modernistas, os mesmos são de extrema importância histórica, cultural e afetiva, carregando em si memórias, que também podem/devem ser consideradas patrimônio.

Quem define o valor de uma edificação? E de uma edificação em ruínas? Quem conhece o valor dessas edificações, os estudiosos? E se o sujeito desconhece o valor histórico da construção, desconhece os conflitos e dilemas de uma época que permanecem na arquitetura, ainda assim essa edificação terá um valor estético ou simbólico para o mesmo? O que é considerado “de valor patrimonial” na praça Sinimbú, assim o é por que os estudiosos afirmam, ou os equipamentos modernistas de importantes traços históricos estabelecem uma relação estética com os habitantes por si? Como se os corpos moldados pelo espaço pudessem reconhecer as memórias esquecidas em cada uma dessas remanescências arquitetônicas.

Quando a obra de arte é criada no espaço público, no meio de seu fluxo, invadindo o seu ritmo, em relação com sua arquitetura, que espaços o artista escolhe ocupar? E por quê? O que do espaço afeta o artista e como o move? As vídeodanças “Beijando Dentes” e “Location?” foram elaboradas a partir de diferentes estímulos, porém, ambas foram realizadas na Praça Sinimbú e em seu entorno. Pretende-se neste trabalho investigar de que maneira se deu a relação entre os artistas e o espaço nesses dois trabalhos. E o que essa relação pode revelar, tanto das obras quanto de seu cenário-arquitetura-paisagem-fluxocotidiano. Como o espaço move o corpo move o espaço?

As vídeodanças foram realizadas como requisito para conclusão das disciplinas “Composição Coreográfica 2” e “Improvisação 2”, ofertadas pelo Curso de Licenciatura em Dança da UFAL (2017) e ministradas pela autora.

Praça

Estou no centro mas ninguém me vê.

Sou constantemente atravessada por estranhos que evitam se deter.

Sou caminho, passagem estagnada.

Sem dono, sem rumo.

Sou rumo

Sou ranço

Largo.

Figura 1: Praça Sinimbú com painel de azulejos da antiga fonte do “mijãozinho” ao fundo, imagem utilizada para confecção de cartaz do evento de lançamento das vídeodanças, maio 2017



Fonte: Fotografia do autor.

Localizada no centro da cidade de Maceió (AL), a praça Visconde de Sinimbú “nasceu”, no final do século XIX, praça Euclides Malta. O final do século XIX e início do século XX foram períodos de grande urbanização e remodelação da capital alagoana. Um dos marcos dessa urbanização, realizada principalmente na região central da cidade, foi a “Ponte dos Fonseca”, ponte de ferro com “ares progressistas”, instalada em 1871 sobre o riacho Maceió (atualmente conhecido como riacho “Salgadinho”) e ao largo do que viria a ser a praça Sinimbú. No meio da ponte passava o bonde e suas laterais apresentavam passeio para pedestres. Alguns afirmam que possuía também 8 grandes lampiões para iluminação pública (essa informação não pôde ser confirmada, mas considera-se de importância uma vez que está presente no imaginário local). No fim dessa ponte encontra-se a casa do poeta acendedor de lampiões, Jorge de Lima. História e poesia se misturam nesse caminho. A ponte de ferro original (Figura 2) foi destruída na cheia de 1924 e substituída por outra de cimento armado (Figura 3), que ainda resiste, porém sem um rio para atravessar. A ponte sem rio. A ponte (Fon)Seca.

Figura 2: Primeira ponte dos Fonseca, em ferro.



Fonte: <https://www.historiadealagoas.com.br/>

Figura 3: Ponte dos Fonseca reconstruída em cimento armado após a cheia.



Fonte: <https://www.historiadealagoas.com.br/>

Esse período de efervescente urbanização foi também um período de ocupação da cidade, o progresso trazia a remodelação das ruas e praças para que a população pudesse usufruir de seus passeios ao ar livre. A burguesia ocupava o espaço público, amava o progresso e todo o conforto propiciado pelas novas técnicas desenvolvidas pelo homem para dominar a natureza. A praça Sinimbú por muitas décadas foi uma referência dos avanços urbanísticos de Maceió. No início do século XX era muito freqüentada pela alta sociedade alagoana, abrigava um coreto de ferro (ícone dos avanços tecnológicos da época) e diversas esculturas mitológicas. Em seu entorno localizava-se o Lyceu de Artes e o prédio da Companhia Alagoana de Trens Urbanos (CATU). No coreto aconteciam apresentações musicais aos domingos e feriados. A praça era a opção de lazer da cidade, a cidade se apresentava de forma a ser apreciada, desfrutada. Na praça Sinimbú, o espaço das artes.

Na década de 1940 a paisagem da praça sofre uma grande alteração com o aterro do Riacho Maceió - as águas passavam ao largo da praça (Figura 4), correndo em paralelo à avenida da Paz. Era uma praça que terminava (ou começava) em um rio!

Figura 4: Visão da praça Sinimbú com o riacho Maceió em primeiro plano. Ao fundo observa-se o Lyceu das Artes e o prédio da CATU.



Fonte: CAMPELLO, 2009.

Em seu afã por “melhorar” a natureza os gestores da época consideraram que o rio estava passando por um lugar inadequado para os novos projetos urbanísticos da região. No meio do caminho tinha um rio. E assim, o seu curso foi alterado. O riacho Maceió, que ao se aproximar da praia fazia uma curva à direita, margeando a avenida da Paz até desembocar no mar na praia do Sobral, perdeu sua curva. Foi retificado, desembocando hoje na praia da Avenida (FERRARE, 2008). A praça não tem mais rio, mas tem progresso.

Na década de 1960 a Sinimbú foi cenário de novas alterações urbanísticas. No ano de 1961, no local em que se encontrava o prédio do Lyceu de Artes, começou a ser construído um novo prédio de arquitetura modernista, que abrigaria a escola de Engenharia Civil da Universidade Federal de Alagoas (atual Espaço Cultural Salomão de Barros Lima e antiga Reitoria, ambos da UFAL). Ao seu lado foi construída a Residência Universitária Masculina da UFAL e o Restaurante Universitário no lugar do prédio da CATU (FERRARE, 2008). Ferrare discorre sobre as características arquitetônicas dessa edificação:

O prédio com funções conjuntas adotou partido arquitetônico bem marcado por linhas bem emergentes, a partir da solução de um volume curvo definido por elementos vazados (ou cobogós), em paralelo com o uso de pérgolas externas, no bloco do Restaurante, o qual internamente, também se definiu dentro de uma máxima funcionalidade e estética moderna. Novos usos que geraram novos arranjos funcionais e estéticos. (FERRARE, 2008, p. 8)

No mesmo ano de 1961, a praça Sinimbú também foi modernizada. Ganhou novo traçado com passeios, canteiros e bancos sinuosos, bancos circulares e brinquedos fixos de marmorite. Foi nessa reforma que a rua Sargento Benevides passou a dividir a praça em duas partes. E, na parte “do outro lado da rua”, ou seja, parte mais próxima à ponte dos FONSECAS, foi instalado um mural de azulejo representando a economia local. O mural era circundado por uma pequena “piscina”, cuja fonte de água era a estátua de um menino mijando, “my-joãozinho” ou “mijãozinho”. No verso do mural está escrita a frase “Lá vem o acendedor de lampiões da rua.” – homenagem a Jorge de Lima (FERRARE, 2008). Essas alterações urbanas fizeram parte de um conjunto de ações do então prefeito Sandoval Cajú, que empreendeu uma verdadeira “revolução estética” em diversas partes da cidade de Maceió (FERRARE, 2008).

Figura 5: Fonte do menino mijão com painel de azulejos, 1994.



Fonte: Fotografia de José Ademir.

Figura 6: Fonte do “mijãozinho” com painel de azulejos, 2008.



Fonte: Fotografia de Josemary Ferrare.

Vídeodanças

“Beijando Dentes” (2017)

“Beijando Dentes” é a vídeodança resultado do trabalho desenvolvido na disciplina “Improvisação 2”, oferecida no Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Alagoas. A disciplina foi ofertada no período acadêmico de 2016.2, sendo ministrada no primeiro semestre de 2017 devido a atrasos no calendário acadêmico da instituição.

No período acadêmico de 2016.1, os alunos realizaram uma primeira versão de “Beijando dentes”, na ocasião a obra se apresentou como um espetáculo de dança, conclusão das disciplinas “Improvisação 1” e “Composição coreográfica 1”, ambas ministradas pela autora. O trabalho coreográfico foi desenvolvido com livre inspiração no conto “Às quatro e meia da manhã”, presente no livro de contos “Beijando dentes” do escritor brasileiro, Maurício de Almeida (1982-). O conto em questão apresenta os conflitos de um casal contemporâneo que, em meio a tantos recursos tecnológicos de comunicação, não consegue estabelecer um diálogo. Um casal separado que já não se suporta e ao mesmo tempo não consegue se desvincular. Um casal que quer falar, mas não consegue. Assim, o espetáculo de dança “Beijando dentes” (2016) buscou reconstruir esses conflitos a partir da relação corporal entre os bailarinos.

Com os alunos da disciplina “Improvisação 1” a criação foi elaborada a partir de improvisações corporais sobre o tema. No resultado final foram apresentadas

cenar construídas a partir das improvisações e improvisações estruturadas realizadas diante do público. Nessa abordagem os alunos tiveram dois desafios, o de estruturar cenas a partir de improvisações, tentando manter a vitalidade alcançada no processo criativo; E o desafio de improvisar sobre o tema diante do público, apresentando simultaneamente criação e obra.

No período acadêmico de 2016.2, retomamos o trabalho de “Beijando dentes” ao longo da disciplina “Improvisação 2”, dessa vez no intuito de construir uma vídeodança. Para tal, retomamos princípios coreográficos trabalhados no semestre anterior, relacionando-os com o espaço escolhido para as filmagens – a praça Sinimbú. No processo criativo a indicação para os alunos era de que poderíamos realizar as filmagens da vídeodança em qualquer lugar, desde que próximo do Espaço Cultural da UFAL (prédio que abriga, entre outros, o curso de Licenciatura em Dança). Ou seja, a escolha da praça Sinimbú como cenário para nossa obra não está desvinculada do “Espaço Cultural”, nosso atual, Lyceu das artes.

Ao relacionar o trabalho coreográfico com a praça, novas conexões foram estabelecidas. “Beijando dentes” foi ressignificado pelo espaço ressignificado por “Beijando dentes”. A obra propicia um novo olhar para a praça que propicia um novo olhar para a obra. Apesar das restrições de espaços para filmagem, os alunos tinham liberdade de escolher qualquer lugar na região no entorno do Espaço Cultural para realizá-la, inclusive a sala de aula. Mas foi a praça quem gritou pela obra! Ao invadir a Sinimbú, “Beijando dentes” devorou suas remanescências. As estruturas arquitetônicas significantes e de relevância histórica foram quase todas exploradas, invadidas, chacoalhadas pelos corpos dos bailarinos. Sem conhecer o valor arquitetônico de tais estruturas, os alunos-artistas as ressaltaram. As estruturas e seus significados “saltaram” diante dos artistas em um *padedê* entre corpos e espaço. Foram explorados os bancos sinuosos, os brinquedos em marmorite, a ponte dos Fonecas e o “Mijãozinho” – uma das principais atrações da praça em meados da década de 1960/70.

Figura 7: Cena de “Beijando dentes” nos brinquedos de marmorite, 2017.



Fonte: Fotografia do autor.

Figura 8: Cena de “Beijando dentes” com ponte dos Fonsecaas ao fundo, 2017.



Fonte: Fotografia do autor.

“Location?” (2017)

“Location?” é uma das vídeodanças produzidas como resultado do trabalho na disciplina “Composição coreográfica 2”. Ao contrário de “Beijando dentes”, que foi realizada pela turma toda junta, os alunos da disciplina “Composição coreográfica 2” foram divididos em pequenos grupos para criação de seus trabalhos. Aqui o processo criativo estava mais livre e a abordagem poética foi definida por cada grupo a partir de seus interesses.

“Location?” desenvolveu-se inicialmente a partir da relação com a música homônima do músico estadunidense, Khalid (1998-). Esse foi o primeiro elemento da obra a ser definido, e a partir da relação com a música o grupo começou a criar em sala de aula a coreografia, utilizando a corporeidade e alguns princípios das danças

urbanas. Inspirados pela letra da canção, optou-se por realizar as filmagens no entorno do Espaço Cultural, brincando com as possibilidades de direções a serem seguidas, de ir e vir dos movimentos. A ideia é que a obra retrate um pouco a fluidez das relações urbanas contemporâneas.

É interessante observar as camadas temporais abarcadas pela obra. A música pop do vídeo foi lançada em fevereiro de 2017 nos Estados Unidos e em abril já estava sendo utilizada em um processo criativo dentro da universidade em Alagoas. A relação corporal estabelecida pelos alunos com a música mediou a relação que eles estabeleceram com o espaço. E o espaço se revelou na relação com os corpos. Eles dançam por onde antes passavam as águas do salgadinho - deserto azulejado que em tempos dantanhos foi pista de aerodelismo, escola de circo, feirão de carro, feira de artesanato, acampamento sem terra, e, e, e... Dançam a praia e a ponte. Dançam o restaurante modernista abandonado com seus grafites. Khalid dança Sinimbú?

Figura 9: Cena de “Location?” no piso de azulejo com ponte dos Fonecas ao fundo, 2017.



Fonte: Fotografia do autor.

Imóveis de interesses (i) Móveis

Qual o valor do azulejo? O piso azulejado abandonado na praça Sinimbú (Figuras 9 e 10) é o vestígio de uma feira de artesanato (Figura 11), não tem valor patrimonial, não estão na lista de mobiliários modernistas da praça que devem ser preservados, são apenas restos. Rebatem os azulejos da antiga fonte do

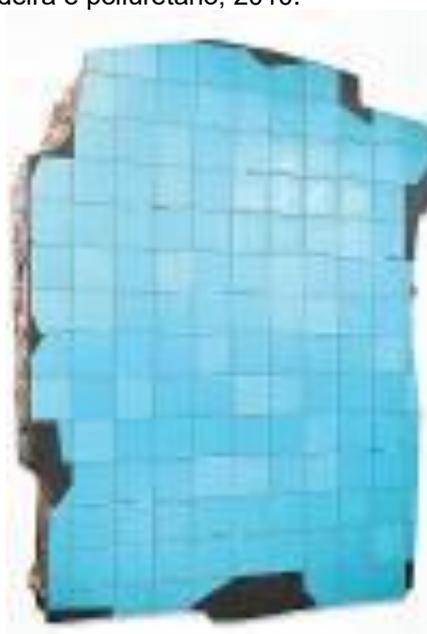
“mijãozinho”, quase apagados. Esses sim, dignos de serem preservados. Onde está o acendedor de lampiões? Quem diz o preço do mosaico? Adriana Varejão¹ (1964-) recorta o azulejo da rua (Figura 12), ressignifica-o, dignificando-o a ser exposto nas mais renomadas instituições de arte do mundo. A artista “dá corpo” às ruínas de azulejo. Varejão está na Sinimbuá está no mundo? Mosaico de afetos. Azulejo carne, reflexo de um tempo. De uns tempos. De tempos em tempos. *Frames* de uma projeção eterna.

Figura 10: Cena de “Beijando dentes” no piso de azulejo com praia da avenida ao fundo, 2017.



Fonte: Fotografia do autor.

Figura 11: Imagem de artesã na feira, piso de azulejo ao fundo, 2013. Figura 12: Adriana Varejão, "Ruína e charque – Porto", óleo sobre madeira e poliuretano, 2010.



Fontes: “Alagoas Boreal” e divulgação SP Arte.

¹ Artistas plásticas contemporânea, atualmente uma das artistas brasileiras mais renomadas no cenário internacional.

O mural da fonte do “mijãozinho” tem sua estética definida pelo baixo custo de seu material – cacos de azulejos, refugo das fábricas do Sudeste (SILVA, 1991 apud FERRARE, 2008). Hoje, marcas características de uma época, ares de passado, nostalgia. O valor da peça não está no custo de sua matéria prima e sim na sua carga histórica e estética. Qual o valor do azulejo? Hoje defende-se que os azulejos do menino mijão devem ser preservados, são patrimônio arquitetônico e afetivo da cidade (FERRARE, 2008). O mural não tinha “nenhum” valor para meus alunos, muitos deles nunca haviam parado para observá-lo. O mural não tinha “nenhum” valor pra mim, mas foi ali que escolhemos gravar diversas das cenas de “Beijando Dentes”. Os azulejos gritam na paisagem da praça. Na frente, atrás, em cima e embaixo. Tudo nele era possível. Não sabia-se fonte. Parede. Portal. “- O que é isso? – Vamos filmar naquele negócio de azulejo”.

Figura 13: Cena de “Beijando dentes” no painel de azulejos do “mijãozinho”, 2017.



Fonte: fotografia do autor.

Figura 14: Adriana Varejão, 2004, "Linda do Rosário", óleo sobre alumínio e poliuretano, 195 x 800 x 25 cm – Inhotim (MG).



Fonte: Galeria Fortes Vilaça.

Relação estética estabelecida. Não é preciso conhecer a história do espaço edificado para reconhecer o seu valor estético. Assim como na Roma de Simmel as camadas temporais coexistem (SIMMEL, 2003), na nossa praça também. Todas as memórias estão lá, basta se abrir à relação para desvendá-las. Alguns dos imóveis do entorno da praça já estão “protegidos” pela legislação vigente como “imóvel urbano de interesse cultural” (AMARAL, 2009), entre eles o prédio da antiga residência e restaurante universitário e o prédio do Espaço Cultural. Desconhecendo a legislação, comprova-se que são imóveis de interesse. Na primeira cena de “Location?” os cobogós foram a cama para os corpos dançantes. Na cena seguinte (Figura 15), os bailarinos dançam os cobogós de traços tipicamente modernistas em relação com um grafite contemporâneo - diferentes camadas temporais que coexistem na vídeodança (Figura 15).

Figuras 15: Cena de “Location?” na frente do restaurante universitário, cobogós dialogando com grafite, 2017.



Fonte: fotografia do autor.

Para realizar as vídeodanças não estudamos a história da praça Sinimbu ou a importância de seus equipamentos e de seu entorno, simplesmente nos relacionamos com o espaço. Cada um dos vídeos tinha um direcionamento temático, portanto, a relação com o espaço se deu a partir desse prisma. Uma relação poética corpoespaço na construção da obra de arte. A busca por dançar o espaço que dança, sob diferentes pontos de vista. Cada um desses pontos de vista destacou um dos importantes elementos da memória modernista apontados por Ferrare. O espaço é e exala seus significados, não de maneira literal, de maneira poética.

Espaço cultural

O Espaço Cultural Salomão A. de Barros Lima, espaço da Universidade Federal de Alagoas, abriga hoje a Pinacoteca Universitária, os cursos de Licenciatura em Artes (Teatro, Dança e Música), a Escola Técnica de Artes (Teatro, Dança, Música e Moda), entre outros diversos cursos de extensão cultural e de línguas. É popularmente conhecido em Maceió apenas como “Espaço Cultural”. Existe espaço que não seja cultural? O termo “cultural” nesse caso é utilizado para qualificar um espaço que na verdade é dedicado às Artes ou à prática e/ou estudo de alguma característica cultural específica, como uma língua, uma manifestação folclórica, entre outros. Mas se pensarmos o termo cultura em sua essência, que seria tudo aquilo que é produzido pelo homem, todo espaço urbano é cultural.

O piso de azulejo que cobre a parte da praça que em outra época passou o rio são os restos de uma feira de artesanato “provisoriamente” instalada por anos no aterro-praça. Segundo reportagem, o local era totalmente inadequado para se instalar uma feira de artesanato e as vendas dos artesãos alocados na Sinimbu caíram até 90% em relação ao seu ponto de venda anterior, por conta das condições degradadas da praça. Mas, o espaço é inadequado para feira ou o que está inadequado são as condições em que o espaço se encontra? Se a praça estivesse “viva” seria ela um local adequado? E, se a praça não está “viva”, está o que, morta?

Tudo em seu entorno é decadência. O rio já não passa. A água “doce” que sobrou não pode ser chamada de rio. Seus monumentos estão em ruínas e os edifícios históricos que estão “conservados” encontram-se esvaziados (Casa de Jorge de Lima, Museu Theo Brandão, Pinacoteca Universitária). O sorriso da pizzaria de esquina², fechado. Em meio ao descaso e abandono, um vestígio de sobrevivência - o Espaço Cultural. O histórico prédio de arquitetura modernista purga e pulsa. Em meio às suas precárias instalações os cursos de Artes da Universidade Federal de Alagoas resistem. Cursos de graduação, técnico, livres, de extensão. É o grande centro de formação dos artistas da cidade e quiçá do estado, e está aos cacos. Quem frequenta o espaço cotidianamente sabe da luta de seus gestores por mantê-lo ativo e do descaso do poder público em relação à sua importância.

² Tradicional pizzaria de Maceió que ficava na esquina em frente à praça.

A praça em frente ao prédio, um vestígio abandonado dos tempos áureos de outrora, apresenta-se quase como um estorvo, sujo, escuro, “perigoso”. A antiga moradia e restaurante universitários estão há anos abandonados. E ainda assim, os artistas resistem.

Em setembro de 2017 uma ação artística realizada durante a oficina “Corporalidade/ Vídeo-performance”³, limpou o painel modernista de azulejo. Os ofícios tradicionais de Alagoas voltam a brilhar no mosaico. Será coincidência a necessidade desses artistas de trabalhar justo com essa obra exposta na praça, ou ela é de fato um “imóvel de interesse”? Ela é um mobiliário de interesse. Simultaneamente o piso de azulejo é retirado da praça (Figura 16). A eterna reforma tão esperada da Sinimbú foi realmente iniciada? É difícil de acreditar... Segundo reportagens, a última reforma na praça foi realizada em 1992 e, desde então, a mesma vem sofrendo constante processo de degradação.

Figuras 16: Espaço onde antes encontrava-se o piso azulejado, agora sem piso e com árvores plantadas, 2017.



Fonte: fotografia do autor.

As barracas da feira de artesanato instaladas na praça desde 2010 foram retiradas em março de 2017. As vídeodanças foram gravadas em maio do mesmo ano, se apropriando dos vestígios deixados pela feira. Em setembro a praça já não tinha mais esses azulejos. A fonte do “mijãozinho” “reapareceu” devido à ação de

³ Oficina integrante do evento “Sururu Lab – laboratório de narrativas urbanas”, evento realizado pela Associação Artística Saudáveis Subversivos e Popfuzz, em parceria com a Escola Técnica de Artes da UFAL. A oficina, realizada entre os dias 04 e 08 de setembro de 2017, foi ministrada no Espaço Cultural pelo Professor Glauber Xavier.

alguns artistas. As vídeodanças estão como registros poéticos de um dos pequenos momentos de transição da praça.

(In)conclusões

A ponte que lembra o rio. A rua que lembra o bonde. A casa que lembra o poeta. A fonte que já secou, o acendedor sem lampiões, o relógio ainda está da estação do trem que já passou. O museu que foi residência nasceu moradia. O restaurante que já não serve, o quarto em que não se deita, o rio em que não se nada, a arte que ainda resiste. A sala que está em obra, o auditório já não se viu, e a arte ainda resiste. Quais serão as próximas histórias dessa praça cultural?

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Maurício de. **Beijando dentes**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

AMARAL, Vanine Borges. **Expressões arquitetônicas de modernidade em Maceió: uma perspectiva de preservação. Dissertação (Mestrado)**, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2009.

BRITO, Fabiana Dultra. Co-implicações entre corpo e cidade: da sala de aula à plataforma de ações. **Corpocidade – debates, ações e articulações**. Org. Fabiana Dultra Britto e Paola Berenstein Jacques. Salvador: EDUFBA, 2010, p.12-23.

CAMPELLO, Maria de Fátima de Mello Barreto. **A construção coletiva da imagem de Maceió: cartões-postais 1903/1934**. Tese (Doutorado), CAC. Desenvolvimento Urbano. Universidade Federal de Pernambuco, 2009.

CALVINO, Italo. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

FERRARE, Josemary Omena Passos. Permanências modernistas na praça Sinimbu – Maceió: em análise e proposta de preservação. **2º. Seminário DOCOMOMO N-NE**. Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, 2008.

FLUSSER, Vilém. **Gestos**. São Paulo: Annablume, 2014.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução: Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2005.

SIMMEL, Georg. Dossier Simmel: a estética e a cidade. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 67, Dezembro 2003: 101-127.

Sites acessados

ADEMIR, José. Fonte do “mijãozinho” com painel de azulejos, 1994. Fonte: fotografia disponível em <http://www.bairrosdemaceio.net/site/index.php?Canal=Pra%E7as%20de%20Macei%F3&Id=11>> Acesso 01 set. 2017.

Primeira ponte dos FONSECAS, em ferro. Fonte: fotografia disponível em <http://www.historiadealagoas.com.br/a-boca-de-maceio.html>> Acesso: 20 ago. 2017.

Ponte dos FONSECAS reconstruída em cimento armado após a cheia. Fonte: fotografia disponível em <http://www.historiadealagoas.com.br/a-boca-de-maceio.html>> Acesso: 20 ago. 2017.

VAREJÃO, Adriana. "Ruína e charque – Porto", 2010 - coleção particular. Fonte: fotografia disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/serafina/2012/08/1127586-adriana-varejao-ganha-exposicao-panoramica-no-mam-sp-e-celebra-bom-momento.shtml>> Acesso: 10 set. 2017.

Imagem de artesã na feira, piso de azulejo ao fundo, 2013. Fonte: fotografia disponível em <http://www.alagoasboreal.com.br/noticia/264/maceio/mal-instalados-na-praca-sinimbu-artesaos-do-antigo-cheiro-da-terra-devem-ir-para-a-praca-dois-leoes-no-jaraqua>> Acesso: 20 ago. 2017.

VAREJÃO, Adriana. "Linda do Rosário", óleo sobre alumínio e poliuretano, 195 x 800 x 25 cm, 2004 – Coleção Inhotim (MG). Fonte: fotografia disponível em <https://theredlist.com/wiki-2-351-382-1160-1125-view-brazil-profile-varejao-adriana.html>> Acesso: 10 set. 2017.